



nauguração da Residência Univer-
sitária «Alferes Dr. José Carlos
Godinho Ferreira de Almeida»



Inauguração da Residência Univer-
sitária «Alferes Dr. José Carlos
Godinho Ferreira de Almeida»



Estudos Gerais Universitários de Moçambique

Lourenço Marques — 1963

Fotos de Carlos Alberto e Armindo Afonso



O meu camarada morreu.
Cabe-me a mim, agora,
a grave responsabilidade
de defender a sua memória.



É de todos os tempos e lugares função da Universidade zelar pela vida dos elementos que a constituem, docentes e discentes, mestres e estudantes, os quais formam uma comunidade indissolúvel, com um só interesse e objectivo — formar homens capazes de bem servir a Nação.

Não é pois estranha à Universidade a vida extra-escolar dos seus estudantes: antes é motivo de grandes e graves preocupações, mormente nos tempos de hoje, em que se sente mais do que nunca a premente necessidade de se acompanhar uma formação científica e profissional válida por um substrato cultural e educativo.

Com mais ou menos possibilidades, com maior ou menor eficiência, tem procurado a Corporação Universitária Portuguesa cumprir a missão de auxiliar e amparar os escolares nas suas relações sociais, nos seus problemas económicos e pedagógicos.

Não poderiam os Estudos Gerais Universitários de Moçambique, novo estabelecimento universitário, descurar tal problema e, por isso mesmo, desde o seu início, esteve no seu espírito a fundação de residências, onde os seus estudantes, e em especial, os naturais do Norte da Província fossem dignamente alojados, encontrassem condições de estudo e pudessem desenvolver laços de sã camaradagem entre si,

que perduram pela vida fora e enobrecem uma instituição. O Reitor dos Estudos Gerais Universitários incluiu entre os seus primeiros objectivos a criação de residências universitárias.

Foi com uma dedicação e entusiasmo invulgares que membros do corpo docente se lançaram na fundação da primeira residência. E, assim, impulsionados pelo forte desejo do Magnífico Reitor, os professores dos Estudos Gerais Dr. Carmo Moral e Dr. David Vieira, coadjuvados por alguns estudantes viram os seus esforços coroados do maior êxito.

É manifesto que este exemplo pode e deve multiplicar-se.

Em Assembleia Geral dos Estudantes Universitários foi decidido que as residências tomassem como patronos os seus camaradas mortos em serviço no Ultramar.

Assim nasceu a «Residência Alferes Dr. José Carlos Godinho Ferreira de Almeida» em homenagem à Universidade de Lisboa. Em breve surgirá a «Residência Alferes Barrilero Ruas», antigo estudante da Universidade de Coimbra.

No dia 10 de Dezembro de 1963, após uma missa realizada na Igreja de Santo António da Polana, sufragando as almas de todos os estudantes mortos no Ultramar, procedeu-se à inauguração da «Residência Universitária Alferes Dr. José Carlos Godinho Ferreira de Almeida» por Sua Excelência o Governador-Geral e pelo Reitor estando presente todo o Corpo Docente, Comandantes Militares de Terra, Mar e Ar, acompanhados de muitos oficiais, muitos estudantes, e numerosos convidados.





Discurso de Sua Excelência o Governador-Geral

Vejo com o maior agrado que a Universidade de Moçambique vai contínua e seguramente caminhando no seu aperfeiçoamento. Ainda há poucos dias, uma voz altamente qualificada e insuspeita — a do eminente Professor Hernâni Cidade, que nos deu a valiosa contribuição do seu saber num curso sobre Camões — atestava a excelência das instalações, do material escolar e da assistência aos alunos, tudo isto apesar de nos considerarmos ainda em situação transitória.

Agora, esta primeira residência de estudantes vem preencher uma necessidade de primeira ordem, permitindo-lhes condições mais fáceis de vida e sobretudo um convívio académico, entre alunos e também entre estes e os professores, cuja importância nunca seria demasiado enca-
recer.

É que aqui, a uma universidade, não se vêm apenas buscar conhecimentos técnicos de natureza material, porque sobretudo se pretende dar aos futuros dirigentes aptidão para equacionarem, enfrentarem e resolverem os problemas humanos do nosso povo, nas suas complexas facetas, das quais a técnica fria das máquinas ou dos números não se pode desligar das reacções prioritárias da pessoa humana, a quem ela é destinada.

Por isso, nas matemáticas como na química, na engenharia como na medicina, a preparação moral é sempre dominante. Não me esquece que um velho mestre de ciências militares definia como qualidades basilares para um homem de guerra o carácter e a imaginação. E penso que assim será quase sempre. Se é indispensável a imaginação criadora — desprezando a rotina anquilosante que é a perfeita antítese da mocidade progressiva — para que a vida nunca deixe de ter o sentido de permanente renovação, ninguém poderia pensar em partir para essa campanha de aperfeiçoamento humano sem uma base moral sólida. E essa não se aprende só nos livros, mas no convívio com os homens, com os problemas, com a própria vida. E não sei de melhor associação do que a dos próprios estudantes e seus mestres, igualmente empenhados em corresponderem às esperanças e às responsabilidades que as famílias e as pátrias neles confiaram.

Este primeiro núcleo tem uma invocação de extrema nobreza, de tal maneira que prefiro não tentar exaltar o que por si mesmo fala. Um camarada estudante, nascido em terras metropolitanas, formado na Universidade de Lisboa, tombado valorosamente na terra da Guiné, honrado agora pelos estudantes de Moçambique! Síntese e consciência perfeitas duma identidade de valores históricos e actuais que são pertença de todos nós e que esta mocidade corajosa e orgulhosamente proclama e defende. Com tais sentimentos e tal disposição pouco temos a recear do futuro.

Nada quero, porque nem sequer saberia, acrescentar. O espírito de José Carlos, na lembrança da gentileza da sua vida sacrificada por um ideal acima de todos nós, será a melhor inspiração.

Só me permito referir a coincidência emocional de seu ilustre Pai, o Dr. João de Almeida, ter sido também um dos grandes e esclarecidos obreiros da instituição e organiza-

ção dos Estudos Gerais de Moçambique. Que a exaltação da memória do seu filho seja mais um lenitivo para o seu amargurado e orgulhoso coração.

Quero vivamente felicitar V. Ex.^a, Senhor Reitor, e os Senhores Professores que o acompanham nesta generosa empresa, por tudo o que têm feito, com entusiasmo exemplar, para colocar a Universidade de Moçambique sempre na vanguarda.

E aos estudantes exprimir-lhes a confiança de que, por eles, cada vez melhores dias hão-de surgir para Moçambique e para a nossa Pátria.





*Discurso do magnífico Reitor,
Professor Doutor Veiga Simão*

Senhor Governador-Geral
Senhores Comandantes e Oficiais
Senhores Professores
Senhores Estudantes
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Quiseram os estudantes universitários de Moçambique prestar homenagem aos colegas que morreram no Ultramar no cumprimento dum dos mais sagrados deveres que cabe a um cidadão português, o da defesa da integridade da Pátria.

Nada poderia ser mais grato ao Reitor e aos Professores dos Estudos Gerais do que associarem-se a esta bela e simples cerimónia de profundo significado patriótico e humano.

São estudantes que se curvam respeitosamente perante a memória de colegas seus que sacrificaram a sua vida para que todos nós continuemos em Angola, na Guiné ou aqui em Moçambique a viver a nossa vida de Portugueses.

Algumas vezes é se tentado a ver na Juventude apenas a irreverência e a atribuir-se-lhe unicamente desejos de vida fácil; tem-se como certo que aos jovens falta a consciên-

cia dos problemas nacionais, exageram-se-lhes os defeitos e depreciam-se-lhes as qualidades.

Mesmo quando algumas críticas, formuladas nas melhores das intenções, são justificadas—o que será verdadeiro em casos de excepção—nunca deixei de perguntar a mim próprio a parte da culpa que cabe aos educadores, nos quais me incluo, e ao nosso sistema educativo.

A Juventude merece que realizemos um grande esforço de compreensão para se entenderem os seus problemas, que os tem e precisam de ser bem estudados. Só assim poderemos separar o justo do injusto, o razoável do despropositado, o verdadeiro do falso. A Juventude generosa e leal saberá corresponder com nobreza e gratidão, como é timbre da mocidade.

Devo declarar que acredito firmemente na Juventude. Na minha vida de Professor tenho mantido sempre plena confiança nas suas qualidades; gosto da sua sinceridade, gosto da sua rudeza—o que não quer dizer menos respeito, que em relação a mim nunca faltou—com que nos apresenta os seus problemas. Dou-me bem com os jovens quando sabem ser iguais a si próprios.

E a Nação acredita também na Juventude. Quando a Pátria corre perigo a quem se pedem os mais pesados sacrifícios que vão até ao da própria vida? É à Juventude. E são os jovens, que integrados nas gloriosas Forças Armadas da Nação Portuguesa sabem ter rasgos de bravura, sabem sem queixumes suportar o honroso fardo de continuar Portugal.

É o caso do patrono desta residência universitária, um jovem de 24 anos, uma vida que olhava cheia de esperança o futuro. O Alferes José Carlos Godinho Ferreira de Almeida acabara-se de licenciar em Direito, com distinção, na mui nobre Universidade de Lisboa; tinha à sua frente uma carreira académica que se augurava brilhante. O dever

levou-o para a Guiné, ali morreu, cumprindo galhardamente o seu dever de Português.

Confiar na Juventude é pois confiar na perenidade da Pátria Portuguesa, que tem hoje sobejas razões para lhe estar agradecida.

Porém os jovens que morreram em defesa da Pátria exigem que todos nós trabalhemos até ao limite das nossas forças para edificarmos um Portugal melhor, exigem que todos nós compreendamos que não devemos guardar o melhor do nosso esforço para amanhã; a Nação pela voz desses jovens exige que o demos hoje. Morreram, para que realizemos com vigor uma obra de valorização nacional. Nós devemos saber honrar a sua memória e as lágrimas de seus Pais.

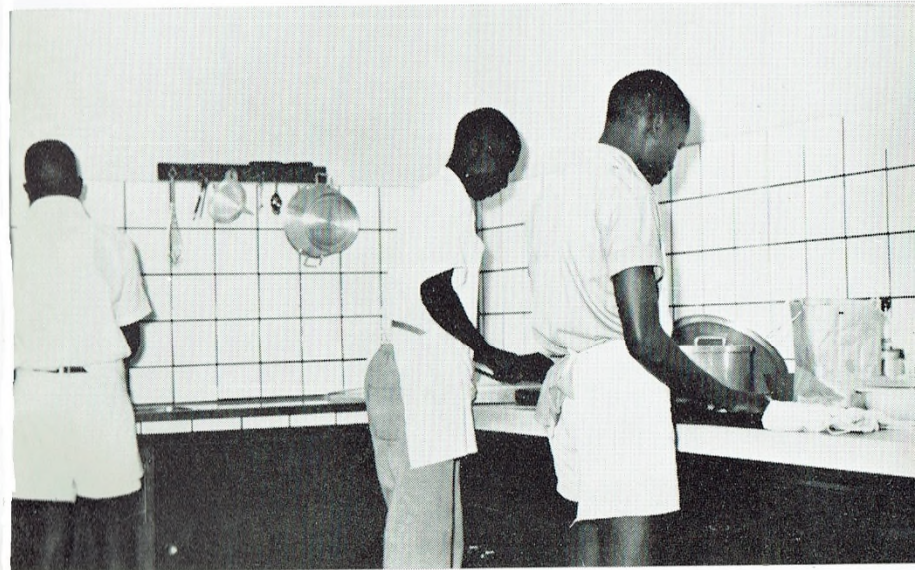
Senhor Governador-Geral:

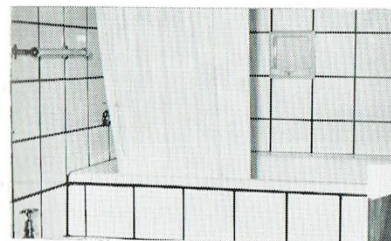
Vai Vossa Excelência inaugurar solenemente a primeira residência dos Estudos Gerais. Uma residência modesta mas que oferece condições de vida digna para os nossos estudantes.

Não ignora Vossa Excelência o valor dessas residências na formação dum espírito universitário, na criação de um ambiente de sadia camaradagem que se perpetuará pela vida fora.

E não ignora também Vossa Excelência o papel que podem e devem apresentar no auxílio aos jovens de real valor, a quem a fortuna não deu meios suficientes para que possam ocupar na sociedade o lugar a que têm pleno direito.

É pois com intenso júbilo que vejo realizada mais uma obra ao serviço da Universidade de Moçambique, ao serviço de Portugal.





Palavras proferidas pelo estudante Luis Cabaço

Ex.^{mo} Senhor Governador-Geral
Magnífico Reitor
Reverência
Senhores Professores
Caros Colegas

Coube-me a honra de proferir algumas palavras neste acto solene e significativo para todos nós, não só estudantes mas para todos os Portugueses. Digo para todos os Portugueses porque esta é a inauguração de mais uma Residência Universitária, embora a primeira em Moçambique. É que nesta casa, que é uma casa de jovens, bem como outras que se lhe seguirão, decidimos perpetuar o nome de jovens universitários como nós, alguns deles com carreiras promissoras à sua frente e que morreram no Ultramar Português no cumprimento de um dever pátrio.

Aqui temos um exemplo no nome lavrado em pedra fria fixada na parede do nosso lar. É ele o Alferes Dr. José Carlos Godinho Ferreira de Almeida. Será para nós um símbolo de coragem e abnegação e acima de tudo um exemplo, um caminho a seguir.

Creio que foi, em nosso entender, a melhor maneira de lhe prestar homenagem.

Em boa hora a Universidade lançou a ideia da criação de um estabelecimento que permitisse solucionar o problema de alojamento para todos aqueles cujas famílias se encontrassem distantes.

E a ideia concretizou-se. Concretizou-se mercê do dinamismo, compreensão e boa vontade do nosso Magnífico Reitor, Prof. Doutor Veiga Simão, que foi e é sem dúvida a alma desta obra. Queremos também agradecer o auxílio prestado pelo corpo docente dos nossos Estudos Gerais. A todos o nosso profundo reconhecimento.

À Universidade apresentamos as nossas humildes homenagens pois será à sombra dela que aprenderemos não só as matérias professadas nos seus cursos, mas ainda e principalmente a formação indispensável para nos realizarmos como homens e portugueses tal como os que homenageámos há pouco e que por «obras valorosas se vão da lei da morte libertando».

A Sua Excelência o Senhor Governador-Geral, os nossos agradecimentos pelo estímulo que nos dá com a sua presença, pois ela representa ainda o interesse e o carinho que o Governo da Nação põe nesta obra que vamos usufruir e que queremos ser digna dela.

A nossa esperança é grande e a fé não desmerecerá nos nossos espíritos para continuar a engrandecer a Pátria que os nossos Maiores nos legaram.